

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA



Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1247	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus. Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 de Agosto de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



SUA EX.ª O PRESIDENTE DR. MANUEL DE ARRIAGA, NA CONVALESCENÇA DA DOENÇA QUE O ACOMETEU
(Veja Cronica Occidental)

CRONICA OCCIDENTAL

Consoante os seus medicos assistentes declararam — está em via de completo restabelecimento da doença pertinaz que nos ultimos dias o abateu, o venerando Chefe do Estado, S. Ex.ª Sr. Dr. Manuel de Arriaga.

Reasumiui já as suas funções constitucionais.

Se ainda hoje nos referimos a esta auspiciosa noticia, é que muito sinceramente nos congratulamos com ela, e assim, sendo um éco, somos um fremito da grande alma do país.

E sentimos que interpretamos fielmente os desejos desta dolorida nacionalida-

de, endereçando ao Estado os nossos emboras de entusiasmo e fazendo votos para que o seu glorioso Presidente siga sempre, como até hoje, altivamente mas acolhedôramente, intransigindo mas sorrindo, o caminho da conduta que traçou e se impôs.

Quem sabe — perguntamos nós, recolhendo-nos intimamente — se não será este, o unico Chefe que, no momento critico decorrente, personifique bem e represente, a contento de todos, esta patria, ainda não redimida, ainda não sarada da ronha que ontem a depauperou, mas arrependida e na via de sacrificios e abrolhos que conduz á salvação?... Quem sabe?...]

Nós não queremos acreditar que existam portuguezes, tão desnaturados e

degenerados que se esforcem por arremessar aos pés da insolencia estrangeira, — esta patria estremecida, a terra de nossos pais, a terra da amorosa paisagem que nos viu nascer.

Duas grandes familias politicas, nitidamente distintas, ocupam posições differentissimas em Portugal. Degladiam-se com animo, combatem-se sem reservas. No fragôr da luta desesperada, os campos delimitam-se mais seguramente, as paixões buscam e usam e abusam, de parte a parte, dos mais diversos processos, na ancia irreprimivel da vitoria e do dominio. Meios menos licitos, mais licitos...

Que importa? Nós que conseguimos subir a essa altura donde as coisas e os homens se observam mais serenamente,

olhamol-os, a uns e a outros, com interesse e simpatia.

Todos têm a sua estrela inspiradora, todos lutam denodadamente pelo seu ideal.

E, em verdade, sabemos fitar com mais carinho, os vencidos, dignos, que não choram, e os vencedores, dignos, que não abusam...

Usam, por vezes, os vencidos, de meios menos próprios? Talvez. Não os justificamos. Simplesmente, explicam os seus actos, a fraqueza que os desola, e o ideal que os norteia.

Usam, por vezes, os vencedores, de meios menos convenientes? Talvez. Não os justificamos. Simplesmente, explicam os seus actos, o ideal que os norteia, e a força que os avigora.

Reconhecemos o direito da fraqueza humilhada que se revolta. Reconhecemos o direito da força que se acautela e defende.

Sem duvida, os republicanos não querem desconhecer nos monarquicos o direito de rebeldia, pois que, elles proprios, nos seus tempos, de opposição destemida e encarnizada, se revoltavam. Certamente, os monarquicos não querem desconhecer nos republicanos, o direito de defeza, pois que elles proprios, nos seus tempos de dominio, se defendiam.

Os ideais são diferentes. Acendem-se em polos diversos. Entanto, são igualmente dignos e respeitaveis. Como assim?...

São ideais politicos — ideais, portanto, da mesma categoria — e por definição, ideais que surgem de imprescritiveis interesses mentais e sociais.

As duas familias politicas que ora se degladiam, em Portugal, ambas têm estrela inspiradora e guiadora. A qual delas, daremos razão? Somente, os factos disso se encarregam...

Os ideais avaliam-se pelos resultados praticos.

E as accões aferem-se pelas suas consequencias.

Evidentemente, os factos a que nos referimos, são meramente sociais, e assim a razão a que nos referimos é a razão-meramente-politica. E a razão-politica é a razão que o lobo da fabula, que tem garras e tem fome, podia invocar, quando victima o cordeiro que é carne de appetite e carne imbele.

Acima, porém, ergue-se a Razão — eminentemente humana — a Razão que revoluciona os Estados e procura oriental-os, segundo os dictâmes da Justiça, no caminho do maior progresso. E' a Ela que a razão-meramente-politica se deve sempre submeter.

No momento presente, o procedimento do estado-português tem de ser rigorosamente pautado. O alcance dos seus minimos actos deve ser previamente medido. O argus internacional espreitamos com uma insistencia inquietadora, e aguarda manhosamente um momento de desvio ou de fraqueza.

Como já dissemos — nós não queremos acreditar que existam portuguezes, tão desnaturados e degenerados, que queiram entregar ao estrangeiro sôfrego, a nossa patria bem-amada. Admitimos que os senhores monarquicos procedam com louvavel boa-fé. Reconhecemos que, proclamada a republica, todos os seus

interesses mentais e sociais fôram feridos e é natural que integramente queiram restaural-os. Talvez seja certo que familias predominantes das estranhas lhes dediquem prometedora simpatia, exaltada por afinidades de espirito e relações de sociedade. Talvez. Mas o que é indubitavelmente certo é que o estrangeiro só, e sobretudo, tem a lucrar com as discordias internas de Portugal e com um sempre provavel desastre irremediavel.

Não será ainda hoje possivel um novo tratado de Fontainebleau?

Paira, no momento, sobre Portugal a espada de Damocles. Pesam sobre nós todos — portuguezes — graves responsabilidades.

A nossa conduta politica deve ser sempre criteriosamente traçada e seguida e proseguida sem desânimos. E' já que do lado do governo republicano está a força, pode alguém acusal-o de que dela use para defender-se?...

Só temos a desejar que essa força não se torne abuso. Do lado da força, deve de estar a generosidade. Do lado do poder, deve de estar a justiça. Poder sem justiça chama-se tirania. Força sem bondade é sempre cruel e insustentavel.

E' necessario que o portuguez regressse á sua paisagem e tome dela a expressão energica e amavel. E' necessario que o portuguez lance um olhar de carinho ás suas genuinas tradições, já obliteradas, e as acomode ás condições da vida hodierna.

Queremos ser portuguezes — sempre portuguezes — mas portuguezes que não esqueçam o passado e olhem com confiança o futuro.

Meus amigos — não é verdade? Queremos um Portugal novo — redimido na contemplação do seu glorioso passado.

E deste novo Portugal — perguntamos nós recolhendo-nos intimamente — qual, no momento decorrente, seria o Chefe que mais bem o personificasse e, a contento de todos o representasse, se não este velhinho venerando, de linda cabeleira candida e olhos sonhadores de creança — Manuel de Arriaga?...

A prova simples e clara de que por todos bem-amado é, está no interesse obsorvente e carinhoso com que todos seguiram os accidentes da fase da sua ultima doença.

Os boletins dos seus medicos assistentes suspenderam a alma nacional numa dolorosissima expectativa. A incerteza foi, por vezes, cruel. A' medida que os seus males se iam atenuando, a esperança ia renascendo, iluminando e vivificando de coragem a torturada alma lusitana.

E' que o Sr. Dr. Manuel de Arriaga é bem, na actualidade, pela immaculada bondade de seu coração, pela sua franca e inquebrantavel honradês e espirito de sonho e harmonia, o simbolo perfeito da nossa gloriosa e dolorida nacionalidade.

ANTONIO COBEIRA.



A modestia é de algum modo o pudor do mal.

Alibert.

O necrologio da Terra

Em memoria do Poeta das Cegonhas, — do emolivo poderoso da Musa Alemtejana *

«Memento, memento...» — E pela calada da manhan que crescia, abafadica, trágica, palpitando já todo o drama de secura e fogo, de que as horas amaldiçoadas d'aquelle dia, torcendo-se como um ventre possessivo, não tardariam a ser a descomposta boca convulsa, a rouquissima voz alucinada, dando já corpo e ondulação no silencio espectante ao delirio em braza dos horisontes, á invectiva febril dos restolhos, as Cegonhas, vindas umas atrás das outras em rasteiros vôos rectilíneos, — em vôos curtos, mas certissimos, de seta marchando-se direita a um alvo, eram ali, na immensa varzea a perder de vista, de baixo da apocalipse tremenda da lancula e ao vento diabólico de Espanha, como que um grande exército abrindo alas, desenvolvendo-se para arremeter. Alinhavam-se, acomodavam se, tomando pé, dobrando as azas descampassadas, perfilando uma attitude de entendimento, de vigilancia. Com os bicos adeantando-se como lanças em riste, uma secreta intelligencia as enquadra em mangas cerradas, — a intelligencia que de longe as trouxera, — da dispersão dos campos, com os filhos creados, acompanhando-as em longo séquito estrepitoso. Ficavam os ninhos desertos a desconjuntar-se pela ramaria débil das faias, á borda das ribeiras em osso, pelos parapeitos dos mirantes moiriscos, enxadrezados a ladrilho e cal, salientando na paisagem uniforme uma severa nota clara, — pelas torres esguias, de acarvoados paredões, com combalidas ameias careadas a alembrares ainda ao bucolismo das vilas em paz não sei que ancestralidade de investidas e inquietação.

Ficavam os ninhos desertos pelos corucheus branquissimos das ermudinhas, encostados, por sobre o rumor das gentes, ao campanil do concelho, com o velho relogio ao lado, lamuriando a passagem do tempo num queixume roufenho, onde já mal se adivinharia, de perda, de gasta, a toada heroica das invasões e dos assedios, convocando á corrediação do muro os besteiros acoutiados. E aves sagradas, cumprido em recatos christãos o misterio da maternidade, já sem uma sombra que as abroquelasse das asperezas ígneas do ceu, chovendo lume, como uma praga bíblica, — com a planicie inteira vibrando confusamente numa luminosidade adversa, as Cegonhas, deixando os santos-logares em que a sua innocencia se abandonara aos filtros tentadores da Primavera, agora, com a entrada do sol nos dominios dum signo impiedoso, acudiam, açodadas, do isolamento amavel em que cada casal passara uma interminada boda, — e, arrebanhando-se pelas courelas ribeirinhas em verdadeiras hostes de resistencia, preparavam-se para a jornada do anno, para a travessia temerosa dos oceanos sem fim. «Creadas de Nosso Senhor», alimpando hortejos e sementeiras de quanta bicharada por lá descobriam em bom trabalho diario por junqueiras e relvados, Nosso-Senhor as levava consigo, á frente do Seu olhar, num extenso sorriso de ternura, numa bençã cheia de carinho e cuidados. E com ellas ia-se a decoração mais bizarra das povoações entorpecidas, com o casario desfazendo se num borrão de alvura inexprimivel, com as profundas, mergulhadas séstas, rimadas implacavelmente pelo zumbido azoante das debulhadoras, a pesarem-nos como um sonambulismo invencível, como um invencível licor de bruxaria.

Nadas e medradas por toda essa Terra-Baixa, — farto celeiro de Portugal, casa farta de lavradores e ganhões —, ia-se, sim, com as Cegonhas, em detalhes mansissimos de geórgica, um pouco do Sonho e da Aventura que nos embebeda a nós, enraizados de sempre, com a cantiga opiada da Distancia, do Vago, — com perspectivas indefiniveis, esbatendo-se indefinivelmente no azul e na luz, a atrairem-nos para uma irresistivel sedução longínqua, a acordarem-nos adentro das veias em alvoroço, amassadas imagens atávicas, — palmeiras arredondando cachos como seios opulentos, espessuras exóticas, immensidades solenes, luas em crescente, monstros marinhos —, que sam para nós nas perplexidades da stepe, nas imprecisões misticas das noites fundas sob os ceus fundissimos uma segunda existencia, mais real que a do pão nosso de cada dia, mais carne da nossa carne, mais alma da nossa alma, desvendando-nos aos sentidos pasmados um marulhar de coisas de maravilha.

O mesmo instinto que uma vez na vida nos obriga a ir nos também para só se voltar depois de correremos as Sete-Partidas do Mundo com o unicórnio depurando as águas empoçadas, com a campã de San-Tomé avistando-se ao largo sem nunca se alcançar, — o mesmo instinto, por cuja lei de fatalidade nenhum ha entre nós outros que não ande embarcado na *Nau-Catharina* por cima das ondas do mar-salgado, que não prante sola de molho para ao dia seguinte rilhar, que não deixe no valle Josaphat um sinal de pedras para se reconhecer na multidão das Nações á hora do Juizo-final, — raiz divina de poesia, saudades remotas do Infinito, é o mesmo instinto que, com as Cegonhas que julho arrebanha pelas courelas ribeirinhas, abre as azas de insaciedade e interrogação, se arrasta e delonga em sufocadas esperas de despedida, na vontade de partir, no desejo de ficar, até que já fora de si, como uma perdição que a nada já obedece, se abala acenando, se abala atrás duma sina irrevogavel, com promessas de tornar, com promessas de tornar! E as cegonhas elevam-se numa arancada em que o coração se divide, parece que com ellas se eleva e some o genio dormente de toda a Terra-Baixa, — a esperança da colheita futura, a seara a rir-se nas espigas grossas, bem bagoadas, de pragna forte, quando o cuco canta e o equinoxio renovador se entretém a espalhar perturbações e luxurias no ar que se respira, no trevo que se cheira.

As cegonhas somem-se, abrindo as portas a Santa Maria de Agosto, que entra logo com o pavor das queimadas, com pinceis dantescos acendendo infernos de restolhice em restolhice, e a Canícula a ladrar no halito demoníaco do *Suão*, peor que fogo posto, que chama viva, — e a cobra maléfica do Estio enrolando-se, entrando-se, no útero esfalfado da Planície. E as Cegonhas somem-se sem um rasto, sem um sulco, — quem as viu uma tarde já as não vê de manhãzinha, — somem-se comboiando o cadaver da Primavera que vae repousar em ilhas de incanto, vogando á tona de mediterraneos de leite e rosas, lá junto ás fontes perenes da Mocidade, com o cedro e o loiro estilizando-se sobriamente em sobrios fundos primitivos, — com Immortaes, de túnica purissima e barba florida, passeando-se a dois por alamedas magestáticas, sempre embebidos em diálogos sabios, duma sabedoria calma, transparente.

Ham-de de lá regressar, — do abril eterno, da eterna serenidade, com a victoria da Estação, triunfando das proprias cinzas, apenas o Sol avança para Aries e já as amendoeiras se teñham capelado de noivas por alqueives e semeadas. Regressam com o facho que atea o Lume-Novo, com o bafo que purifica a Agua nos templos, com a Aleluia que derrota a Sombra e se impõe aos Limbos, — com Christo empunhando um oriflama de resgate na gloria excepcional da resurreição. Regressam, como um annuncio de novas felizes, envoltas no respeito que se transmite e herda com o sangue, que lhe poupa o ninho durante os pardos mezes da ausencia e lhe revestirá os deliquios da violação mais os inefaveis gosos da maternidade num como que religiosismo, — em altas interdições espirituas, em penas graves de sacrilegio.

Creadas de Nosso Senhor, os magistrados da comuna no tempo antigo as saíam a receber, de garnacha e bastão, os concelhos as elegiam para afilhadas das suas justicias, — e mandava-se para a força a quem n'as espavorisse do poiso, e cortava-se a mão que lhes profanasse a postura. Por isso as Cegonhas iam e vinham, — aves-familiares de pequenos e grandes, dos ricos e dos pobres, protegidas de Deus, — iam e vinham, com um chocalhinho pendente, galinhas de quem as não tem, esvoaçando por sobre o rumor das vilas, morando perto do Vento no cimo das torres ou nas ruinas musguentas. Por isso as Cegonhas vam e veem ainda, seguras do acolhimento, certas de que o uso se não esmorece, queridas por toda essa Terra-Baixa, — farto celeiro de Portugal, casa farta de lavradores e ganhões, — saúdadas com um brado, que é irmão nas bocas que o soltam: — «Eh, lá chegaram as Cegonhas!»

Desta vez, encerrado o cadaver da Primavera no ataúde cristalino, não será só a elle que, de bicos em flecha, que de azas em remo, as Cegonhas comboiarão para ilhas de incanto, vogando á tona de mediterraneos de leite e rosas. Desta vez não será só a virgem hirta, cataléptica, que se irá repousar junto ás fontes perenes da Mocidade, com o cedro e o loiro estilizando-se sobriamente em sobrios fundos primitivos. Mais um Immortal, de túnica purissima e barba florida, irá conversar por alamedas magestáticas nos jar-

dins fechados em que o Lotus entreabre as pétalas magnificas, — mais um Immortal irá conversar os diálogos da varia sabedoria —, duma sabedoria calma, transparente. Envolto na alada escolta, o Espírito-gentil que se aquietou um instante para dormir o sono das Escripturas, — os três dias do sepulcro, lá onde em guerra de séculos os pinheirões da costa se batem com as areias montantes do mar e, gemendo ais de lascivia, as rolas da emigração encontram, antes de desaparecer, as ultimas ramadas para noivarem, — de envolta, com a alada escolta, seguindo o esquite da Primavera, como o padre dum grande rito, o Espírito-gentil, saldo já do país inferior das larvas, liberto enfim do purgatorio das formas, lá se terá ido com as Cegonhas, lá se terá afundido com ellas em abismos insondaveis de claridade e azul. Lá se terá ido com as Cegonhas a ganhar em estancias de luz doirada, sempre igual, inalteravel, a indiferença soberana, o gesto melodioso, as beberagens que concedem a beleza que não murcha nunca, mais o dom de futurar o que está por vir. Lá terá ido com as Cegonhas o Amigo das Cegonhas, — com as Cegonhas que tam alto voaram no entusiasmo heroico dos seus melhores ritmos, na generosidade quente da sua alma dando-se em borbulhões. Com as Cegonhas que, para o acompanharem, Deus sabe se não demoraram a partida, Deus sabe se pela vez primeira não adiarão a jornada, para que o Espírito gentil se não fosse fosinho!

*«Onde ides tão altas, cegonhas, cegonhas,
Buscar novos climas, caladas, tristonhas,
Seguir novos trilhos?»*

E eu que á hora do apartamento não quizera faltar á velada herraideira, eu que da Terra-Baixa corra a levar Aquelle que a déra em companhia de Arte aos caminheiros de todas as estradas, aos sequiosos de todas as fontes, para que a amassem e sentissem em corpo e em alma, — eu que da Terra-Chan corra a levar-lhe os adeuses da gleba que empola e estala, fustigada pelo escorpião canicular, as despedidas da charneca, nossa mãe commum, mais da aragem que alimpa o trigo na eira, mais das raizes morrendo-se torradas, mais dos açudes quietissimos com sujas linfas mortas, macheando-se á influencia torpe do Signo, agora vos direi eu porque é que na manhan da minha tornada, — manhan que subia abafadiça, trágica, as Cegonhas se desenvolviam adeante de mim, abrindo alas, desenrolando as mangas cerradas como que para arremeter. Eu abalara para o ágape fúnebre com procuração do Horisonte que, ao longo da raia, desce do Herminius Minor, onde os povos passados viviam de conhecer o chumbo, se confrange e suspende para os lados da santa colina de Elvas, — canticos de pedra, ensinando o louvor da Terra e dos Mortos —, e a correr, e a correr, se vae empinando até Estremoz, — a das cantarias alvas, com a sua airosa torre vista por mais de quinze leguas, — para ao depois se escancarar, exangue, numa golfada ampla, mesmo contra as bocas do Poente, lá para os ermos sagrados em que o eco repete ainda a invectiva de Nun'Alvares, comandando do alto da mulinha a matizada formosa dos Atoleiros. Eu abalara com essa procuração, — conferira-m'a a riba natal quando a Má-Nova se abatera sobre mim, embrulhada nas dobras dum crepúsculo funesto, — dum crepúsculo denso de derrota, — conferira-m'a a riba natal, quando o escuro caía pesadamente, como por cima dum tumulto de batalha, a querê-lo sufocar apressado, e eu a sós, em amarguradas evocações, subira á minha Varanda, — pedaço mudo duma epopéa sem nome —, a trocar com a Planície, com toda a Terra-Baixa, os pezames penosissimos que um ao outro nos deviamos.

Então já as exequias haviam começado. Em arremessos de furia agoirada, numa tropelada apocalíptica, o *Suão* roncara durante o entardecer e, na expectativa solene, as suas largas baforadas ardentes modulavam-se, orquestravam-se como as resonancias dum órgão gigante numa catedral gigantesca, desdobrando por repercussões infinitas a antífona dum psalmo de morte. Então já as exequias haviam começado. Como a hostia dum sacrificio depuratorio, — como uma hostia manchada de crimes, chamando á face os pecados do mundo para os redimir, o plenilunio rubro, doloroso, ascendia devagar numa elevação de tortura extática. A grandiosidade do órgão, abarcando na rajada dos sons a concha enigmática do firmamento, punha rugidos proféticos nas lamentações, eram como que ameaças tremendas de Juizo-final, de *Dies irae*, os trenos de lástima e luto que elle soltava ululando pela immensidão da stepe. *Memento, memento...* — E a Sombra,

rebuçada lugubrememente, emprestava ranger de dentes ao resfolegar de fogo que vinha dos restolhos em braza. Desvarios de convulsionarios, epilepsias místicas, místicas aparições do Diabo se corporisavam e acendiam, como um rápido fogacho, nos versículos terríveis desse *requiem* terível.

A Planície oficiava. A Planície oficiava, encomendando, como uma sacerdotisa desgrenhada, como uma loba aos uivos, o Espírito que se livrara da caducidade da carne, lançando-lhes os responsos últimos em frenesins histéricos de vidente, toda arqueada em delírios de cobra divina. E vozes occultas acolitavam da treva como nos *Mysterios* antigos. Acolitava o genio das Fontes, submerso num tanque de lume, acolitava o genio das Sementes, meio adormecido na esperança da germinação futura. Acolitava a poeira dos caminhos, pisada por cem gerações, — acolitava a angustia intraduzível das formas incompletas, que em disparatadas expressões, metade homem, metade fera, se rebolam e espojam pelas encruzilhadas, quando a noite piedosa lhes protege o oprobio com o manto piedoso.

Um convocar de vivos e mortos se presentia, se adivinhava pelos quatro ventos da Esfera. E em frente das minhas pupilas esgazeadas, — pupilas de bruxo ignorando-se, a quem um iluminismo súbito denunciase a presença dum sentido a mais — desfilavam em mudês aterradora, ora animalidades confusas, de dorso de serpente e cabeça leonina, espiralando azas que bem depressa se afiavam em garras, — as animalidades, cuja memoria a Planície guardava como um segredo vergonhoso, a alembra-lhe, agora e sempre, afflictivamente, as tentativas primeiras da Existencia — ora a procição infindavel dos Antepassados, que, acorrendo dos carneiros seculares, das fossas onde não seriam já senão cinza e nada, vinham ali reconhecer-se com um osculo simbólico n'Aquelle que se immobilisara num sono de três dias, alcançando poder para os resgatar da escuridade húmida dos Limbos. A Raça e a Terra, a Paisagem e a Sanguinidade o reconheciam e lhe chamavam filho, — ao Espírito que se desprendera para as immaterialidades supremas e já fóra do Peso, do Número e da Medida, fluctuava em plena luz, como luz propria que era.

Desde o indiscriptível ser informe que no fundo dos Evos alevantara a cabeça escamosa dos charcos em fumarada, á fauna pachorrada das herdades do Sul, labutando e reproduzindo-se por montados e pastagens numa ingenua doçura de écloga, desde o avô hírsuto, de clava ao ombro, que, retardando-se á beira duma corrente, escolhera o cabeço fronteiro para erguer a anta, — para estabilisar as fornalhas, até aos Papanças, de enorme tradição hospitaleira, lavradores afamados por mais de cem leguas velhas desta nossa boa provincia, os quaes, tratando-se á Lei da Nobreza com creados, escravos e béstas, já a meio do século xviii se assentavam em vereação, de cruz de Christo ao peito, no cume arrogante de Monsaraz: — como numa adoração de presépio, — homens e gados, Almas e Monstros, acudidos, lentos, em cortejos lentissimos, dos íntimos confines das Idades, curvavam-se, prostravam-se perante a campã que se fechava, cheios duma revelação imprevisita, em attitude perplexa de assombro. Não se perdera, não! o afínco accumulado dessa infinita cadeia, o tronco não se secava numa esterilidade de maldição! Gastara centenas de annos a domar a aspereza da charneca, a enraizar-se, a bracejar. Heroismos de vontade e persistencia o imunisaram da rajada, da intemperie, do raio que parte, da malvadês que muffla, lhe valeram com o dom de resistir ás estiagens que alucinam, ás invernías que enregelam. Crescera direito, subira direito, não escusando a sombra aos pobresinhos, ofertando as ramas fortes ás aves do ceu para que cantassem os seus agradecimentos ao Senhor. Por isso a bençã do Senhor lhe concedera a alta flôr de maravilha em que desabrocham e se subtilizam as angustias balbuciantes dos que bem lhe merecem e lhe fóram sempre tementes, por isso a fileira interminável dos Avós despertava do frígido pó mortuario para assistir á redenção da sua estirpe, sublimando-se numa apothéose.

E a caravana dos animaes domésticos, dos animaes nossos amigos que guardam a casa, e a abastecem, e a enchem de nomeada e riqueza, — a caravana rumorosa surgia também a testemunhar o acto transfigurador, participando-lhe da graça, — surgia dos subterraneos das Especies, do borrão carregado das Origens, definindo-se, afeiçãoando-se, correndo toda a obra custosa duma ascensão para a Unidade, para a Consciencia. Quando nessa hora immensa se escancaravam a uma Arvore-de-Geração, por milagre do rebento último, os

limiões da carne já feita Verbe, — em que numa grei, robustecida pelo dever e pelo trabalho, a tormentosa jornada da argila anónima da Creação se rematava altivamente, atingindo a inacessível dignidade dos deuses, — companheiros de canceiras e suores, operários diligentes da elevação familiar, com o parentesco do convívio e da dedicação a aproxima-los, os pacientíssimos animais domésticos recebiam, por igual, o selo amável, o premio único duma humanidade comovida, vendo a espessura nativa dos instintos adelgaçar-se com singularidade em querer inteligente, em entendimento bondoso, em vibração interior.

...E assim foi a visão para a qual o Senhor me deu olhos, — a mim, Antonio, seu servo, n'aquella noite tremenda.

Pela nave desconforme, o orgão gigantesco apaziguara-se, entrementes. No ceu descoberto, um luar de clemencia, um luar de misericordia pairava agora, coalhando-se em leite. Como uma *preghiera* resignadissima, volatilizando não sei que aspirações do Infinito, a Planície ia inundada da súplica das rãs, da angustia humilde dos sapos, — de tudo quanto rasteja e padece em silencio, ocultando nas penumbra caridosas a vergonha de não poder voar. A procissão dos fantasmas sumira-se sem tropel, fluidamente. E só, como uma coisa esquecida, o respiro do mar distante, fatigado de trepar aos montes, de descer aos vales para que a Terra Baixa, — casa paterna do Sol e do Sono, se não consumisse em febre a cem graus sem a extrema-unção dum bafejo de fressura, — só, como uma coisa esquecida, o respiro do mar espalhava por aqui, por além, cadencias brandas duma voz a extinguir-se:

*E nas transmigrações universaes
eu não hei-de chorar por ninguém mais
e ninguém mais ha-de chorar por mim!*

Então eu alembrei-me da dôr do Mundo Antigo quando o grande Pan morrera. Então eu alembrei-me do formidável canto de funeraes que o piloto de Alexandria ouvira por entre a cerração, excedendo em alarido o bater rijo das vagas. Alembrei-me de Thamuz com o bronze magnifico do rosto, emoldurado nas ligaduras alvissimas, contando em Capréa, aos pés de Cesar Todo-Poderoso, a morte lamentada do deus. E dentro de mim uma ordem imperiosa se desenhou, ganhou forças e alento, — uma ordem imperiosa de partir, de abalar, a dizer aos infieis a visão de espanto para a qual o Senhor me dera olhos. E parti. E abalei. Ia comigo a riba natal, — o Horizonte que se acastela contra a raia, descendo aos galões do Herminio Menor, onde os povos passados viviam de conhecer o chumbo, e se abate, exangue, numa golfada ampla, mesmo sobre as bocas do Poente, lá para os ermos sagrados em que Nun'Alvares comandou a matizada formosa dos Atoleiros. Ia comigo a Paisagem que bem antes de se mirar nas minhas pupilas, já as minhas veias a sabiam de côr, com tanto costado ancestral brotando e medrando á sua imagem e semelhança. Ia comigo o drama imoto da Planície, morrendo e renascendo na telerologia fatal das Estações, — todo o bucolismo atávico da minha gente que, lavradores de feitio e índole, — e sempre lavradores, já mesmo de Toga ou Espada, com insígnias heráldicas nobilitando-os, — levavam agarrado ás plantas, por muito largo que atirassem com a existencia, o torrão grosso e fecundo da charneca materna. Ia comigo, com a minha emoção pessoal, talvez a reminiscencia perdida d'algum antepassado, familiarizando-se, — quem sabe? — no tumultuar duma feira ou numa paragem de Ordenanças, com muitos desses Mortos que eu vira em resurreição, sublimados numa suprema apotóse. Ia comigo a Raça e a Terra, — oh, a creatura que eu era, divinizada um momento na fraqueza da minha humanidade! — a Raça e a Terra se incarnavam em mim, para que eu propiciasse em nome do Humus Primordial, — das energias que crescem e se renovam incessantemente, do barro que a ambos nos formava, resistente e seivoso, — para que eu propiciasse Aquele que desaparecia na fascinação da luz que mata, quando não salva, — do Iniciado que se aquietava um instante, para ser admitido, depois da prova sobre-humana, todo envolto num disco solar, á leitura do Livro da Vida, que está fechado a sete selos, com sete cadeados pendentes. E eu fui — e eu parti. Abalei como um *medium* que se despersonalisa, para que os Espíritos tenham uma boca e possam falar...

Preparavam-se as Cegonhas para se ir embora na manhan da minha volta, — numa manhan que

crescia, trágica, abafada, palpitando o horror de secura e fogo que o altear do sol, já todo em chamas, atearia pelos restolhos chispantes. Vindas umas atrás das outras, em rasteiros vôos rectilineos, — em vôos curtos, mas certísimos, de seta marchando-se direita a um alvo, as Cegonhas pareciam ali, na immensa varzea a cançar a vista, como que uma coluna aguerrida, abrindo alas, desenvolvendo-se para arremeter. Com os bicos adiantando-se como lanças em riste, uma secreta intelligencia as acolchetava em mangas cerradas, as perfilava á minha passagem em firmeza militar, em aprumo erecto de guarnição prestando honras. A' frente voavam-me duas, como mensageiras em anuncio. E sentindo-me olhado num silencio intencional, sentindo-me reverenciado pela hoste que se suspendera um pouco para me esperar, eu, Procurador do meu Horizonte, enviado das Cegonhas da minha Terra, saudei as Cegonhas que se despediam do Embaixador que tornava.

...E a esta hora lá vam ellas combojando no ataúde cristalino para insulas de encanto a virgem hirta, cataleptica, que ha de regressar das fontes perenes da Mocidade com o oriflamo do Christo no triunfo da Ressurreição, com a derrota do Inverno ao bafo genésico do Equinoxio e o Lume Novo acendendo-se pelos Lares e pelos Templos. Só não ha-de regressar Aquele que, como o padre dum grande rito, as acompanha agora, porque se ficará conversando os diálogos da varia sabedoria, — duma sabedoria calma, transparente, lá em jardins fechados onde o Lotus descerra as pétalas de maravilha.

Alto Alemtejo, sob o sol em Leo.

ANTONIO SARDINHA.
(Antonio de Monforte)

PELO MUNDO FÓRA

Tem-se ventilado ultimamente o interessante problema do *tunnel* sob a Mancha, ou seja a ligação material das duas poderosas nações cuja *entente* constituiu uma das paginas mais eloquentes da alta intelligencia do rei Eduardo VII. *Sir Asquith* foi procurado por uma grande commissão de membros das camaras dos commons, tanto liberaes como conservadores, para que de novo se examinasse esta palpitante questão, que *lord Walsey* havia julgado desfavoravelmente, sob o ponto de vista strategico.

Mas agora, diz-se, nada ha a recear, dadas as optimas relações anglo francêsas.

Com o auxilio da França conta a Inglaterra, no caso d'um conflicto no Mediterraneo, em que contra ellas se conjuguem as esquadras da Austria e da Italia. *Lord Selborne* diz, porém, que em caso nenhum a Inglaterra deve depender da França e que, para honra do Imperio, a Inglaterra deve manter no Mediterraneo uma esquadra prompta, se fôr necessario, a actuar de concerto com a esquadra francêsa.

As recentes manobras da esquadra britannica demonstraram o seu enorme desenvolvimento. No anno passado entraram em combate 233 unidades, ao passo que este anno o numero de navios em acção foi de 347.

A esquadra dividia-se em dois partidos: o azul ou nacional, sob o commando do almirante *Sir G. Callaghan*, commandante em chefe do *Home Fleet* e que dispunha de 230 navios; vermelho, ou partido adversario, ás ordens do vice-almirante *Sir John Jellicoe*, com 117 navios.

A proporção entre as duas esquadras

é quasi exactamente a que existe ainda entre a esquadra inglesa, d'um lado, e a alemã, do outro.

Pela disposição das unidades de combate notou-se que, mais do que nunca, a questão d'uma invasão preoccupa o povo inglês, sendo aquellas manobras a prosecução da serie de experiencias que a Inglaterra de longe vem executando, com o fim de resolver o delicado problema strategico.

A Allemanha segue de perto todo este movimento e desenvolve espantosamente a *aeronautica militar*, inscrevendo no orçamento de 1913-1914 a verba de *nove mil contos de réis para aeroplanos, dirigiveis, etc.*, sendo quatro mil para a manha e cinco mil para o exercito. A esta importante somma juntam-se ainda *mil e seiscentos contos de réis*, obtidos por subscrição nacional. A industria particular fornecerá 100 aeroplanos. Cada corpo do exercito fica com 12apparelhos.

O Imperador Guilherme continua no entanto a ser o melhor defensor da paz. Assistindo, em *Rostoch*, ao 125.º anniversario do regimento d'infanteria de *Mecklemburg*, disse que ha um seculo a Prussia e toda a Allemanha sacudiram o jugo do conquistador corso.

Em *Lubek*, falou no mesmo tom, lembrando o passado glorioso d'essa cidade hanseatica, e que hoje nas cidades, nos campos e por toda a parte se commemora a epocha do levantamento contra a oppressão do conquistador.

Quiz Deus que o 25.º anniversario do meu advento ao throno coincidissem com o centenário d'esses acontecimentos.

Vivemos n'uma epocha pacifica.

Tudo o que devemos á paz, apparece claramente, se considerarmos que temos estado cercados pelos horrores da guerra que acaba de assolar os Balkans.

A Allemanha soffreu a perda de *Frederico Augusto Bebel*, um dos mais respeitadissimos chefes do socialismo allemão. De origem modestissima; official de torneiro, aos 22 annos filiou-se no socialismo, fundando, em *Liebkecht*, o jornal a *Semana Democratica* e o *Volkstaat*.

Em 1867, tendo 27 annos, entra no *Reichstag*, onde combateu energicamente o militarismo de Bismarck. Foi um publicista de grande valor, procurando constantemente manter a concordia do partido socialista allemão e desenvolvê-lo d'uma maneira pacifica e constitucional.

A Inglaterra perdeu o *prof. Jahn Milne*, grande auctoridade em *sismologia*. Durante 20 annos esteve ao serviço do Japão, onde montou 968 estações sismologicas.

É sempre com indizível prazer que lemos qualquer noticia em que o nome portuguez merece elogiosas referencias do estrangeiro. Por isso inserimos aqui a alta homenagem que em França se prestou ao nosso distincto medico, professor e inequalavel escriptor, sr. *Dr. Ricardo Jorge*, a proposito do seu estudo, largamente documentado, sobre a *Loucura de Greco (Domenico Theotocopouli)*, publicado na *Revista da Universidade de Coimbra* — traduzido e analysado pelo *Dr. Monier*, na *Chronique Médicale*, do 1.º de Julho ultimo. Esse estudo mereceu rasgados encomios do *Temps*,

de 9 do corrente, que diz que o Dr. R. Jorge, *professeur de haute valeur*, estuda a obra do pintor de Tobdo com um rigor de crítica e uma documentação científica verdadeiramente raras. Do seu estudo conclue-se que Greco possuía, sem a menor duvida, os dotes d'um grande pintor, mas era ao mesmo tempo um alienado.

Foi primeiro que tudo um megalomano, atacado de hyperesthesia da personalidade, que ia até ao delirio. O seu caracter de anomalia verifica-se mais nos seus quadros do que na sua vida. As attitudes contrahidas lembram as dos hystericos e epilepticos.

Conclue dizendo que o estudo do *savant portugais* é acompanhado de reproduções de quadros e de desenhos, que confirmam o asserto de que a pintura

d'esse ser extravagante, excêntrico e inquieto, está muito proximo do que se observa frequentemente nos asylos d'alienados.

O OCCIDENTE associa-se jubilosamente a tão rasgada homenagem ao grandissimo talento do sr. Dr. Ricardo Jorge.

Não permite o espaço que falemos desenvolvidamente do 1.º Congresso Internacional de Medicina de Londres, reunindo cerca de 8:000 medicos de 28 paizes, e debatendo os mais palpitantes problemas medico-sociaes, e onde vemos alguns nomes portuguezes como os dos Drs. Ayres Kopke e Pires de Lima. Este apresentou these *Sur quelques observations de fistulas juxta-urethrales congenitales*.

Estão tensissimas as relações entre o Mexico e os Estados Unidos, por causa

do enviado *John Lind* sem credenciaes, e com o fim de fazer saber ao presidente *Huerta* a necessidade de se retirar, para se estabelecer a paz e a ordem.

Os Estados Unidos fazem preparativos militares e navaes, na expectativa de uma invasão.

A paz balkanica foi finalmente assignada em *Bucarast*, resolvendo-se a desmobilização geral.

Adrianopla, porém, a famosa cidade que consagrou o heroismo de *Chukri-padhá*, continua a ser um pomo de discordia attrahindo ameaças de *Sir E. Grey* contra a Turquia. E' este o unico farrapo de nuvem que ensombra o firmamento da tão ambicionada paz.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



O Congresso do Partido Evolucionista



A MESA DE PRESIDENCIA DO CONGRESSO

O partido evolucionista, de que é chefe o sr. dr. Antonio José de Almeida, realisou, entre os dias 8 e 10 do corrente, no antigo Coliseu de Lisboa, o seu primeiro Congresso, onde chegaram a concorrer cerca de 800 congressistas, uma grande parte dos quaes vieram da provincia.

A' sessão inaugural presidiu o sr. dr. Antonio José de Almeida que convidou para formar a mesa os srs. Feio Terenas, tenente-coronel Manuel Maria Coelho, Constantino Vilverde, Constancio de Oliveira, dr. Angelo da Fonseca e dr. Julio Freire.

As sessões decorreram sempre com um raro exemplo de ordem, discutindo-se os assuntos com serenidade e elevação, ocupando-se o congresso das finanças nacionaes, da revisão da constituição, e da lei de separação da Igreja do Estado, da concessão do voto ás mulheres, mas só nos cargos administrativos, do programa de governo e de eleger a

sua Junta Central que ficou assim composta: Membros efetivos, os srs. dr. Antonio José de Almeida, dr. Fernandes Costa, dr. Julio Martins, Manuel Maria Coelho e dr. Alexandre de Vasconcelos e Sá. Substitutos, os srs. dr. Angelo da Fonseca, Feio Terenas, Ribeiro de Carvalho, dr. Julio Freire e dr. Alfredo Pimenta.

A' data em que escrevemos esta noticia não está ainda publicado o programa de governo, mas apenas as suas linhas geraes que o sr. dr. Antonio José de Almeida esboçou em uma entrevista que veio a publico:

«O programa do partido evolucionista é uma obra de conciliação e de fraternisação de toda a familia portuguesa. O seu fito determinado é libertar a nossa sociedade da demagogia e integrar toda a nação na Republica. E' a minha antiga politica de atração, que aparece agora consagra por um imponente congresso. Para o nosso gremio podem vir todos os portuguezes, sejam quaes forem as suas crenças. Uma condição lhes impõe, mas essa formal e irredutivel: o respeito do poder civil e, de uma maneira geral, uma leal dedicação á Republica.»



ASSISTENCIA A UMA SESSÃO DO CONGRESSO

A Arte no Porto



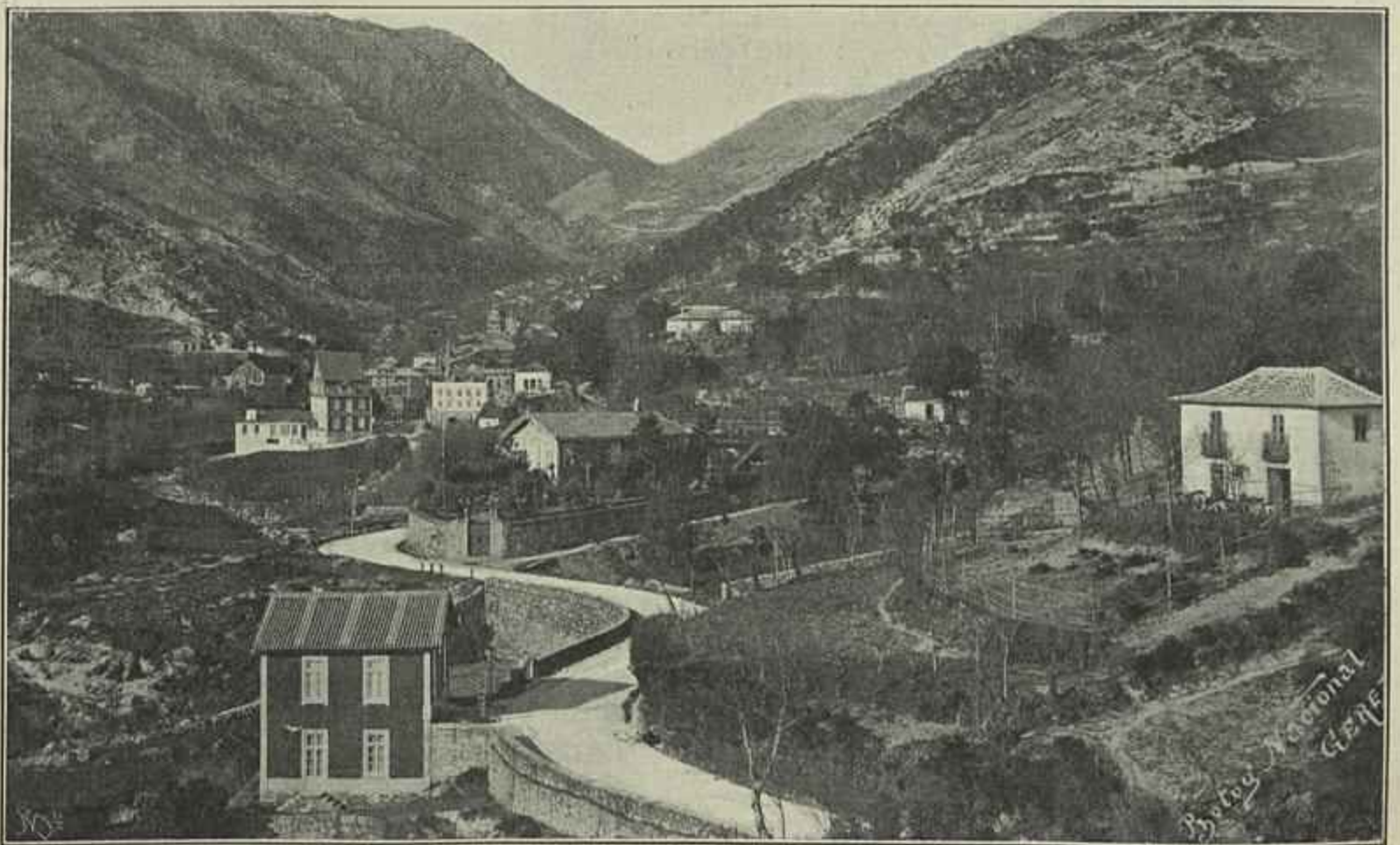
1. O professor de pintura José de Brito. — 2. D. Maria Alice Rodrigues Valente. — 3. D. Berta dos Santos Valente. — 4. D. Maria Emilia dos Santos Valente. — 5. D. Maria dos Santos Valente e D. Maria Isabel dos Santos Valente. — 6. D. Margarida Lopes Braga. — 7. D. Laurinda Sarmiento da Silva Carvalho. — 8. D. Maria Luiza Sarmiento da Silva Carvalho. — 9. D. Clotilde de Brito. — 10. D. Inez Guedes de Vasconcelos Morão e D. Maria Francisca Guedes de Vasconcelos Morão. — 11. D. Maria Afflalo.

DISCIPULAS DO PINTOR SR. JOSÉ DE BRITO
(*Simile de Marques Abreu*)

NAS THERMAS DO GEREZ



GRUPO DE AQUISTAS NAS THERMAS DO GEREZ, EM 8 DO CORRENTE



VISTA GERAL DA POVOAÇÃO E ESTABELECIMENTO THERMAL DO GEREZ

(Clichés de F. G. Marques)

A ARTE NO PORTO

Discipulas de José de Brito

O ilustre pintor que no nosso meio artistico gosa, ha muito tempo, da mais justificada reputação, é tambem um professor consciencioso e distintissimo. Algumas das familias mais consideradas do Porto têm confiado a José de Brito o ensino de suas filhas, tendo algumas dessas senhoras concorrido a exposições de amadores e artistas, apresentando-se sempre de modo a confirmar a boa orientação do mestre e o seu excelente metodo de ensino.

O talentoso professor da Escola Portuense de Belas-Artes tem atualmente um grupo de discipulas que muito se distingue nos trabalhos de desenho e pintura, merecendo algumas delas ser consideradas como verdadeiras artistas. Nos estudos de natureza morta e de flôres, em pequenos quadros de figura e de paisagem que conhecemos, nota-se um sentimento da natureza tão elevado e um saber tecnico que nos deixam prevêr o futuro que algumas dessas senhoras poderão vir a ter na arte da nossa terra.

Sem especialisar nenhuma, porque todas nos merecem igual consideração, pelo merito que pateñciam e pelo aproveitamento que revelam, dentro do tempo consagrado ao ensino, indicaremos os nomes das senhoras que atualmente estudam sob a direção do professor José de Brito. São as srs.^{as} D. Maria Afflalo, D. Maria Alice Rodrigues Valente, D. Berta dos Santos Velente, D. Maria Emilia Santos Valente, D. Maria dos Santos Valente e D. Maria Isabel dos Santos Valente, D. Margarida Lopes Braga, D. Laurinda Sarmiento da Silva Carvalho, Menina D. Clotilde de Brito, D. Ignez Guedes de Vasconcelos Mourão e D. Maria Francisca Guedes de Vasconcelos Mourão.

Nas Thermas do Gerez

O bom do lisboeta, que não se assustar com a perspectiva de 422 kilometros a percorrer em caminho de ferro e automovel, poderá, ao cabo de uma jornada de dez horas, tendo caminhado na razão de oito leguas e meia a hora, dar entrada no melhor ou mais modesto hotel do Gerez, segundo lhe approuver, tendo tomado logar no rapido das oito e meia da manhã no Rocio quando não tenha preferido dar-se algum descanso ao deixar os caminhos de ferro em Braga.

Esta já convidativa rapidez, que por assim dizer data de hontem, seria um milagre apenas crível quando promettido



UMA PAISAGEM NO GEREZ

a pessoas de verdadeira fé no esforço da intelligencia e saber humano, por ventura a essas pessoas de quem se ouve ainda agora o relato das inclemencias e trabalhos da jornada, e da penuria em que se vivia aqui então.

O Gerez de agora já não mete susto a ninguem, como terra inhospita e perdida n'um rincão de selvaticas serranias n'um extremo de Portugal.

Parece ser *systema* da natureza ter sempre seus thesouros escondidos como filhos de suas entranhas, e quando os traz a lume cuida fazel-o com virginal recato, e foi assim, que, á percussão mística de algum ancestral Moysés, jorraram das durezas do granito em oculto esconderijo de eras muito remotas, as preciosas aguas de singular beneficio em alguns, senão em todos os padecimentos que a pathologia descreve no capitulo dos hepaticos, e por suas virtudes são para elles estas aguas um thezouro.

A exploração scientifica de uma tal riqueza não remonta muito além de meado do seculo passado, e sua eficacia levou dilatados annos a ganhar credito, e a ser por muitos clinicos bem reputada na sua therapeutica.

Pena é que o influxo de muitas circumstancias deprimentes tenha até agora concorrido para que este cantinho do Gerez não tenha creado os attrativos que no estrangeiro recomendam outras estancias de aguas de bem menor valor.

O Gerez ainda não adquiriu a velocidade com que vão correndo mundo as aguas da Curia.

O réclame é hoje um poderosissimo meio de propaganda; é um Proteo que assume todas as fórmulas e em toda a parte se insinua. E' ver como os nossos viajantes veem no seu regresso bem fornecidos de guias, roteiros, annuncios artisticamente illustrados, cujas edições representam capitaes importantes, e o viajante recebe-os de graça, servem lhes de direcção e consulta, recream pelo aspecto e estimulam o desejo de ver e informam sobre a facilidade de gozar.

E' o réclame a convencer e a vencer.

Sente-se bem que o Gerez ainda não entrou no caminho do réclame apesar das diligencias em que nesse sentido se tem empenhado a photographia do sr. F. G. Marques, um muito habil profissional, que em seu atelier exhibe uma bellissima e artistica collecção das photographias dos mais bellos e mais notaveis trechos de paisagem da serra do Gerez.

E' desta photographia que precedem, amavelmente cedidos, os dois clichés que este numero do OCCIDENTE reproduz: representa um d'elles o aspecto geral da povoação do estabelecimento thermal a projectar-se sobre a montanha; o outro é um d'esses grupos a que a casualidade

da hospedagem dá origem, agrupamento que marcará um accidente unico na vida de cada um, porque não se reproduzirá mais em absoluto na mesma unidade, e que representa ao mesmo tempo um facto unico; a conformidade de todos em uma unica intenção e vontade, a de tirar o retrato naquelle grupo.

Gerez, 8 de agosto de 1913.

SILVA MATTOS.



Uma exposição de frutas na Associação Central de Agricultura Portuuguesa

Nesta associação esteve aberta ao publico uma interessante exposição pomologica, do bem conceituado estabelecimento horticula portuense, dos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

A beleza dos frutos apresentados chamou a atenção do publico que, durante os dias 10 a 12 do corrente, visitou esta exposição, onde o sr. Albano Moreira da Silva, socio da firma expositora, dava todas as explicações sobre os magnificos exemplares expostos cuja variedade era grande, pois só em ameixas eram 18 os principaes tipos apresentados: *Giant, Massu, Hatdankyo, Furigiya, Yosebe, Damson, Saint Catherine, Barbank, Satsuma, Kelsey, Washington, Vitoria*, etc., alguns de origem japonêsa ainda não conhecidos em nosso pais. A mesma varie-

dade de maçãs, pêras, pêcegos, laranjas, além de outros frutos decorativos de rara beleza, tornavam esta exposição deveras atraente.

Para se obter tão belo conjunto é preciso largas culturas, como as do estabelecimento a que nos estamos referindo, fundado em 1895 pelo sr. Alfredo Moreira da Silva, digno continuador do falecido José Marques Loureiro, inteligente e incançável horticultor, de quem o sr. Alfredo Moreira da Silva foi discípulo e com ele trabalhou 23 anos.

Os viveiros dos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos ocupam uma area de cêrca de 42 hectares, possuindo uma *stok* de 90:000 pereiras, 60:000 macieiras, 40:000 pecegueiros, ameixieiras e amendoeiras, bem como grande quantidade de oliveiras, 100:000 arvores para bosques, avenidas e estradas municipaes, etc.



ALFREDO MOREIRA DA SILVA

arte, para que essa exportação se desenvolva, como se está desenvolvendo para a Alemanha, mercê do ultimo tratado de commercio concertado com aquela nação.

A nossa exportação de frutas até ha poucos anos quasi se limitava a Inglaterra que consumia uvas, maçãs e laranjas — esta hoje muito reduzida — e ao Brazil que nos consome aqueles dois primeiros frutos. A falta de tratados de commercio em bases convenientes com outras nações, não tem permitido alargar esta exportação, que poderá atingir grande valor, desde que se concertem tratados de commercio nesse sentido, como o que se fez com a Alemanha.

Devem os frutos ser de primeira qualidade escrupulosamente acondicionados em envolveros artisticos, para melhor agradarem ao consumidor, que de resto compensa as despesas.

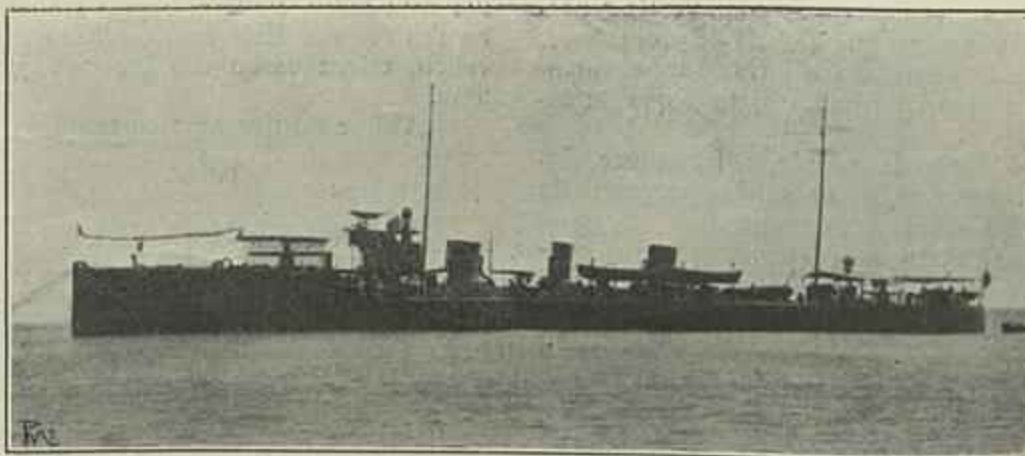


Albano Moreira da Silva

UM TRECHO DA EXPOSIÇÃO DE FRUTAS DA CASA ALFREDO MOREIRA DA SILVA & FILHOS, DO PORTO, NA ASSOCIAÇÃO CENTRAL DE AGRICULTURA PORTUGUÊSA

O juri que apreciou esta exposição, composto dos srs. Joaquim Rasteiro, Carlos da Cunha Coutinho, Manuel Sousa da Camara, Rufo Leal, José Joaquim dos Santos, delegado da Direcção Geral da Agricultura e dr. Fiel da Fonseca Viterbo por parte da Associação dos Agricultores e Horticultores do Distrito de Lisboa, conferiu aos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, um diploma de honra, uma medalha de ouro e outra de prata, como justo premio dos magnificos frutos expostos, que honram sobremodo o expositor, que ha quarenta anos se dedica com tanta intelligencia e actividade á horticultura e floricultura ou jardinagem.

As frutas de mêsua constituem um commercio importante de exportação de um pais como o nosso, que cria tantas e tão magnificas variedades. Tudo consiste em as acondicionar com cuidado e até com



O NOVO «DESTROYER» PORTUGUÊS «DOURO»

O *Douro* construido no Arsenal da Marinha, tem o deslocamento de 700 toneladas e mede entre perpendiculares 73 metros de comprimento, 7 de boca e imersão media de 2^m,4. O aparelho motor é de 3 turbinas tipo Parson que move 3 helicos. Tem 11:000 cavalos, com tiragem forçada, e a velocidade maxima é de 27 nós. Na regulção das agulhas que realizou no dia 12 do corrente, deitou 15 milhas, só com uma caldeira.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

*(Versão livre autorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacaven)*

Primeira parte

III

ILLUSÕES

(Continuado do numero antecedente)

Como Fombreuse acompanhasse Le Cozan sobre o patamar, Steinbaum disse-lhe:

— Eu acompanho-a até ao fim da escada.

Quando chegaram á porta da rua o gravador disse á cantora:

— Desejo-vos fallar.

— Vae andando adiante, Maria José, disse Anna Le Cozan, com olhos interrogadores.

— Sr.^a Cozan, a amizade que nós lhe consagramos, tem direito a que eu seja franco para com V. Ex.^a. Prometteu vir visitar Lisbeth durante a minha ausencia, agradeço-lhe muito esse movimento de amizade que nos commoveu. A sua consciencia soffrerá um choque logo que saiba que nós não somos casados, somente o amor nos une...

— Não são casados?! disse a artista cheia de espanto.

— Bem fiz em a avisar, disse Steinbaum com tristeza.

— Não esperava, francamente. Um homem intelligente, colocar uma boa senhora ao lado da sociedade.

— Então despresa essa boa creatura que tanta felicidade me tem dado?! E' necessaria uma assignatura n'um documento legal? Tambem eu fico desprezado?!

— Não desprezo nem um nem outro; um coração como o seu só pensa no bem, mas a sua alma é que anda affastada do bem; é um mau exemplo...

— Porquê? Somos d'esta forma livres, prezamos o bom exemplo, a paz na familia, enquanto que outras amarrados, têm uma existencia degradante, nem se podem separar!

— E os vossos filhos?

— Se uma vida de amor, como a nossa, para nada serve, terão maior valor nos papeis com assignatura?

— Não me convence.

— Andei lealmente com V. Ex.^a prevenindo-a, sei que é cheia de prejuizos... quando começava a interessar-se, quando a sympatia nascera, tem que se separar.

— Obrigada pela sua franqueza, inclino-me perante os sabios preceitos da Igreja sobre o casamento.

— Poderei eu contar com a sua estima?

— Certamente, como era d'antes.

— Portanto, se Lisbeth é culpada, eu não o sou menos! Ella foi a fraqueza, eu a vontade.

— Sobre isso, sr. Steinbaum, siga os usos do mundo, o sr. é condemnado por todos, mas é recebido.

— Acha que a justiça está do lado de V. Ex.^a?

— Eu penso segundo o meu modo de vêr.

— Isso não, com as ideias da sociedade...

— Talvez, mas devemos frisar as diferenças... mas posso dizer-lhe que não sou nem tóla, nem má.

— Se não a julgasse boa e intelligente não lhe tinha fallado assim.

— Por mim, ninguem saberá.

— Tambem não faço segredo; a conducta do mysterio é só para as coisas más.

— O sr. é muito singular! Em tudo isto as suas palavras estam em luta aberta com a sua boa alma. Chega a ser perigoso! Ficamos por aqui; não deixe de ir a casa da sr.^a Rudennis; o tempo corre, e o *Orpheo* vale mais que tudo que dissemos. A arte lançará uma luz de paz sobre nós. Obrigada pela Virgem de Dürer; resar-lhe-hei para que o *illumine*. Não se esqueça de dizer a Fombreuse que foi escolhido para nosso regente. Continúe a dar-lhe os vossos conselhos estheticos, mas não sobre as suas theorias moraes... até sempre!

— O seu ultimo pensamento foi por elle, reflectiu Steinbaum que tinha ficado a olhar para a cantora, tudo que ella disse, tudo que ella sonha é pensando n'elle; lá vae ella ignorante e alegre. Desejos e esperanças, azas que agitam o andar que a conduz ao fim cruel do desengano. Que fazer? Felizes aquelles que conhecem os enthusiasmos do amor!

Subindo a escada, ainda encontrou Fombreuse que o esperava.

— Ainda aqui?

— A' sua espera para lhe fazer uma pergunta.

— Sou todo ouvidos.

— Desejava saber se pareceria mal levar a casa dos Carbranches a minha peça de piano.

— Talvez fosse melhor dizer que deseja levar a sua declaração d'amor!

— Sr. Steinbaum, tenho vinte e seis annos, tenho visto muitas mulheres sem que nenhuma d'ellas tivesse dado origem ao menor sentimento, agora que encontro uma que me despertou ideias sentimentaes, é o sr. que me aconselha uma outra! Não acredita na minha sinceridade?

— Não faça caso do que eu disse... sim, vá a casa da sr.^a Carbranches, ficará contente da sua delicadeza.

— Ella gostará de mim?

— São mysterios para um simples artista... venha almoçar comigo. Hoje o dia está claro, poderei depois trabalhar no seu retrato. Está com o olhar melancolico, talvez assim ella lhe diga que o ama.

— Ah! se eu tivesse a certeza!

IV

FRATERNIDADE D'ALMA

No castelo de Peunteungoat em Plougasnou, Steinbaum recebeu duas cartas, logo pelo envelope reconheceu as duas letras. Guardou para ser a ultima a ser lida, a da sua boa Lisbeth e abriu a de Fombreuse.

Sabbado, á noite.

«Meu grande amigo Steinbaum»:

«Não lhe posso explicar como sinto o coração n'este momento, na ocasião em

que o meu amigo está bem fóra d'este estado d'alma. Como tinha razão quando me disse que o amor é a divinisação possivel do ser humano! Desde que sei amar parece-me que a intelligencia se eleva muito mais ao ceu. Tem augmentado como essas sementes escondidas nas mãos d'um fakir, que crescem e produzem flôres em um dia sómente. Mas como a minha intelligencia estava preparada por vós para poder perceber todas estas luctas moraes! Se este amor é apenas uma especie de clarão, o lar tinha sido edificado pelo meu amigo. Em resumo, já que a distancia nos separa vou-lhe falar tendo a plena certeza que o meu amigo me ouvirá com toda a profunda amizade do seu coração. Dantes eu era o rapaz que estava embalado em sonhos pueris, mas as suas palavras prepararam o *homem*, como me sinto agora. Tudo que sinto foi por vós preparado, as minhas ideias tiveram a sua genesis no seu pensar. A obra que sahirá da minha ideia, reconhecerá em si o semeador abençoado.

Com respeito ao meu coração, o senhor cultivou-o com amor, como um jardim preferido e um raio de sol o illuminou com uma claridade cheia de felicidade. Os cuidados delicados fez affastar as hervas damninhas, afim de preservar esta terra muito fertil como é um coração de mancebo. Devido a vós offereço ao meu grande amor um coração virgem de paixões. Oh! se o meu amigo soubesse quanto eu a amo! Bastará dizer-lhe *que a vi outra vez*. Em poucas palavras, posso dizer que terei uma existencia d'arte para que a minha musica venha a traduzir d'uma forma real os dôces instantes que eu a contemplei.

Depois da sua partida, pensei em enviar á menina Carbranches o *preludio* em que tanto vibra o meu amor e tive receio que esta minha ideia fosse mal recebida.

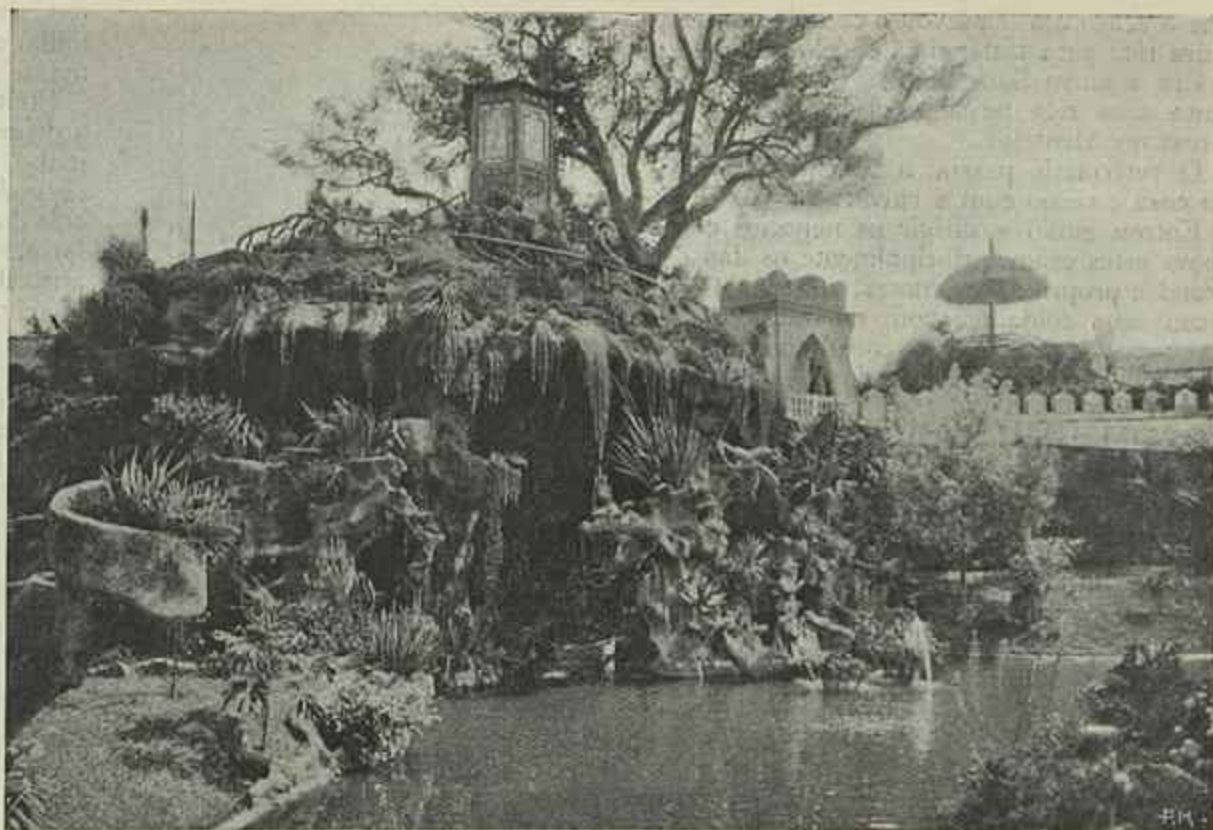
Estava triste por cada dia que passava sem poder realizar o meu sonho de apaixonado, valeu me a Cozan que foi a intermediaria do meu projecto. Tendo vindo um dia depois da uma hora para começar a leitura do seu papel de *Orfeo*, disse-me que ia jantar á tarde em Versailles em casa dos Carbranches. Aproveitei logo a occasião e pedi-lhe para ella se encarregar de levar a musica. Quando estava para lhe dizer a quem a musica era destinada, os olhos traduziram um não sei quê de vago que peguei da penna e offereci a musica ao general Carbranches como recordação da noite passada em Versailles. Cheguei uma noite á rua do pintor Lebrun, deserta e silenciosa. Quando estava proximo da grade da casa dos Carbranches, sabe o meu amigo o que eu ouvi? O meu preludio, executado por ella! Não lhe posso descrever o que eu senti, não ha palavras que possam traduzir todo o meu estado d'alma! Fiquei immovel, encostado á grade, e se não fôssem uns passos que ouvi na estrada, e que me fez cahir na realidade, estou convencido que ainda agora estaria n'aquella posição romantica! D'ahi a pouco o general vinha-me buscar ao jardim. Ah! meu caro, foi n'esse momento que senti a melhor hora da minha vida. Junto á menina Carbranches a minha febre diminuiu e fiquei

tranquillo como um cão aos pés do dono. Essa noite foi um sonho para mim. Serafina pediu-me para eu proprio executar a obra. Fui para o piano um pouco receioso, não calcula, mas a minha musica deu-me pouco a pouco coragem. Conforme ia tocando a minha obra, a minha alma affastava-se d'ella, como Deus quando no espaço contemplou a criação. Deverá perdoar, meu caro Steinbaum, estas comparações, filhas talvez do meu estado de espirito. Procurei estas phrases para o meu amigo poder comprehender melhor tudo quanto senti! Ella estava sentada defronte de mim, talvez para eu poder admirar a sua beleza. Não tinha o aspecto da pessoa que pensara tanto no convento e quando terminei o preludio, ella disse-me com uma voz cheia de doçura: «Foi assim que eu comprehendi a sua obra». Olhei fixamente para ella, e o seu olhar encarando o meu parecia que me dizia que sómente o ceu poderia celebrar tal casamento. Mas confiando na minha vontade d'um amor trocado cá na terra, não poderia aceitar esse trocado lá no ceu e então improvisei no piano uma replica onde traduzia a ternura humana com a convicção persuasiva e audaciosa do amor. Bastava recordar o que me disse para encorajar a minha paixão nascente, e as phrases melódicas tinham, sob os meus dedos, um ardôr de caridade suprema d'amor, transformando os esboços do meu pensamento, enchendo o desejo do meu coração, como um raio de sol metamorphoseando um jardim n'um paraizo de flôres raras.

Foi o meu amigo que me inspirou tudo isto, com a bondade pura da sua alma transparente a tudo que é elevado e esthetico. Depois de estar a tocar por largo tempo, não via ao pé de mim senão uma alma invisivel que desejoso chamei á terra. Quando levantei os olhos para Serafina, o que vi foi a mais alta recompensa á qual a esperança d'um artista pode pretender, a mais humana emoção que eu desejaria conquistar. Serafina chorava; parei, mas d'um signal da sua mão, d'um olhar atravez das lagrimas ella supplicava-me para continuar. Obedeci e enquanto fazia cantar no piano phrases de ternura, como uma *berceuze* palpitantes como uma declaração, ella deixou a sala, altiva do seu pudor. O que eu senti não pode calcular, o meu coração batia com tanta força que mal podia fallar! O amor emfim! De volta a Paris, andei pelas ruas vagueando. Agora que lhe contei todos os meus segredos, sinto na minha alma a tranquillidade da consciencia. Ella chorou, não será um signal animador?»

Segunda-feira, á noite.

«Trabalhei toda a tarde com Lescourias, em casa da sr.^a Cozan no *Orfeo*. A sr.^a Cozan não me fallou no *Preludio* que levará a casa dos Carbranches, esse caro preludio que será o indicio de uma vida nova, esqueceu-se com certeza.



O PARQUE DO SR. CONDE DE SUCENA, EM AGUEDA

(Cliché do sr. Manoel Abreu)

Ella tem muito que estudar com o seu concerto que ella prepara e com o papel de *Orfeo* que está analysando com todo o criterio. Lescourias fez-me ver quanto a sua voz se liga bem com o accento tragica da musica. Durante o ensaio tive muitas vezes vontade de me referir á visita de Versailles, mas francamente senti um certo receio. Porquê?! Nem sei dizer... o que lhe posso contar é que a grande cantora poz todo o seu talento no estudo da partitura. Boa noite, meu caro amigo, conte sempre com a minha amizade, e receba um abraço d'este seu filho musical.

Mauricio Fombreuse.

(Continúa.)

Humus... Homo

Constante formigueiro, sempre em lucta
No presistente empenho de viver:
E diz lá dentro voz, que não se escuta,
Que tudo aquillo tem de apodrecer.

E Deus mandou a vida á humanidade
Para lhe dar tão miseravel fim?!
Theoria fatua, que se impõe verdade,
Cega de orgulho, vem dizer — Que sim.

Outra sciencia, mais piedosa e seria,
Diz-nos, fitando a vastidão dos ceus,
— Dissolva-se a materia na materia,
Nossa alma, que é a vida, acolhe-a Deus.

NEMO.

NECROLOGIA

José Maria dos Santos

Tem a necrologia que registar o falecimento de um português a quem a patria muito deve, porque nas conquistas pacificas do trabalho e do progresso, soube valorisar no seu pais, alguns milhares de hectares de terrenos maninhos,

para a agricultura, fonte de toda a riqueza.

José Maria dos Santos é um nome que se impõe ao respeito e gratidão de todos os portugueses, porque ele revolvendo a terra com a sua sciencia e o seu capital, fez mais beneficios a este pais, do que todos os apregoados estadistas juntos a revolver a funesta politica que o tem desgraçado.

José Maria dos Santos compreendeu bem que na terra é que está a riqueza, e applicando, no campo pratico, a sciencia que aprendera, aproveitando com intelligencia o que modernamente se apresentava a favorecer a economia agricola, soube dar á lavoura portugueza o maior e mais extraordinario impulso, que a mesma nunca atingira neste pais, considerado e com razão, dos mais agricultaveis do mundo, mercê do seu clima e do seu torrão excepcionaes.

Arroteou milhares de hectares incultos; fez brotar uma colonia feliz em uma charneca onde não havia pinga d'agua, mas que ele, qual outro Moysés, desedentou abundantemente, dando comodo e vida a 400 familias numa vasta colonia agricola de 2:000 hectares de superficie — o Pinhal Novo. E ali plantou e desenvolveu a maior vinha do mundo com seiscentos milhões de bacelos!

Valorizou terrenos até ali incoletaveis para o Estado, deu trabalho a mais de cinco mil homens, nas suas grandes lavouras, que se estendiam do Tejo ao Guadiana, explorando varias culturas, como lhe permitia a largueza de seu capital sempre crescente, porque nunca se deixou adormecer á sombra dos louros, e foi sempre trabalhando, cogitando em novas explorações ou em aperfeçoar as que já tinha.

A quantos portugueses abastados vimos fazer isto, com a rara energia e intelligencia de José Maria dos Santos?

Pois ele fôra um simples veterinario

que o acaso um dia levou a casa de uma viuva rica para tratar uma cadelinha.

Era a viuva Sam Romão, dessa opulenta casa rica possuidora de grandes terras no Alentejo.

O veterinario passou a administrador da casa e casou com a viuva.

Entrou então a dirigir os negocios e como estes eram, principalmente os das grandes propriedades ruraes, a estas dedicou seus cuidados, com tal intelligencia e previdencia que os resultados fôram sucessivamente coroados o seu trabalho.

José Maria dos Santos, no campo ou no escritorio dirigia sempre a sua vastissima lavoura, para o que tinha as plantas, é claro, de todas as propriedades, determinando e sabendo, por assim dizer, dia a dia, hora a hora, os trabalhos que se estavam fazendo.

Assim, José Maria dos Santos não foi o grande proprietario gosando nos prazeres da cidade os rendimentos das suas terras; assim duplicou ou triplicou a for-



JOSÉ MARIA DOS SANTOS

tuna em milhares de contos, sustentando milhares de braços e concorrendo largamente para a riqueza publica.

Contando já 80 anos de idade e quando a doença, de que veio a falecer em 19 de junho, já o minava, ainda fazia planos — segundo lêmos em uma Cronica Agricola do sr. D. Luiz de Castro, — de transformar algumas centenas de hectares de arrozal, em grande cultura horticola e industria de laticínios para abastecimento de Lisboa.

José Maria dos Santos, com Estevam de Oliveira e Henrique Mendia, deram grande impulso á Associação Central de Agricultura Portuguesa, quando esta se encontrava em precarias circunstancias, sendo o primeiro o que mais concorreu para a sua nova fase de prosperidade.

Foi, enfim, um português que, podendo como tantos outros proprietarios, gosar despreocupadamente seus rendimentos, se dedicou á grande industria agricola, a natural deste pais, ao qual, não obstante lhe falta pão!

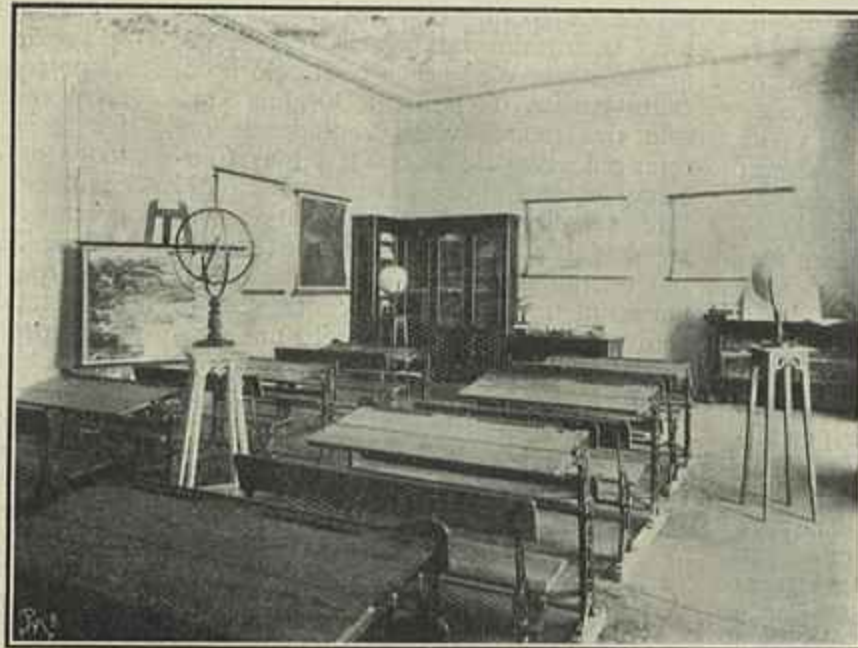
ESCOLA INTERNACIONAL

Instituto de Ensino Primario e Secundario

Dedicado á educação de filhos das Ex.^{mas} Familias Africanas e Brasileiras

Cursos especiais de Commercio e Línguas Estrangeiras

Internato e semi-internato para o sexo masculino
e externato para os «dois sexos»



Aula de Geographia

53, Rua da Emenda, 53 - LISBOA
TELEPHONE 3653

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Na capas para todos os anos, eguaes na cor para colecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carno de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com Medalhas d'Ouro em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na debilidadade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doenças e sempre que é preciso levantar as forças. E' muito usado ao lunch e ao toast pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.